

Fareed Zakaria

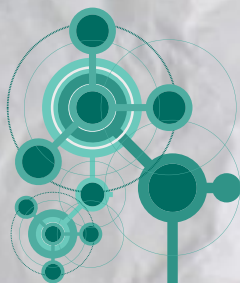
O mundo pós-americano

Trad. de Pedro Maia
São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
312 páginas

Resenhado por

Luciene Patricia Canoa de Godoy

- Mestre em Economia Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
- Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)
- Professora do Centro Universitário Belas Artes, de São Paulo
- Email: luciene.godoy@belasartes.br



Ascensão do resto

The rise of the rest

El ascenso del resto

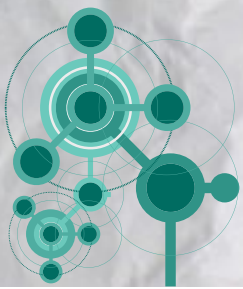
O livro *O mundo pós-americano*, do indiano Fareed Zakaria, traz um novo olhar sobre a nova ordem internacional ao apresentar a situação dos Estados Unidos da América em um mundo com novas potências situadas em continentes distintos.

Fareed Zakaria viveu na Índia até completar 18 anos e depois se mudou para os Estados Unidos, onde atualmente exerce a função de editor-chefe da revista *Newsweek International*, além de possuir um programa de televisão na CNN. Seu olhar não-americano sobre assuntos americanos ilumina questões que normalmente não são tratadas por especialistas da área de relações internacionais.

Em sua obra, o autor aponta para o crescimento vertiginoso de alguns países como China, Índia e Brasil, que, apesar de terem problemas internos, recentemente se consolidaram como potências regionais. A ascensão dessas novas potências fora do continente europeu é denominada pelo autor como ascensão do resto. Resto no sentido de que tais países até o momento raramente foram inseridos na agenda internacional e, atualmente, tornaram-se atores tão importantes que, por vezes, conseguem a façanha de intervir nessa agenda, apontando os temas mais importantes segundo seus interesses particulares.

É importante destacar que o autor não associa a ascensão do resto a um declínio dos Estados Unidos. Ao contrário, ele destaca mais de uma vez, em sua obra, que os americanos são e ainda serão uma superpotência, pois seu poder econômico, militar e político são incontestáveis. Nenhuma nação atualmente possui poder e projeção militar igualável aos dos Estados Unidos, e as regras e organismos internacionais (FMI, ONU, Banco Mundial etc.) criados pelos norte-americanos não estão sendo contestadas pelas novas potências. Assim, o que o autor destaca é que, cada vez mais, será exigido dos Estados Unidos que dividam seu poder com outros países, tornando a diplomacia uma questão crucial para todos os atores envolvidos.

É esse mundo, caracterizado pela negociação e divisão de poderes, que o autor chama de mundo pós-americano, no sentido de que a época em que os Estados Unidos se constituíram como a única potência mundial e, por causa disso, mandavam e



desmandavam na ordem internacional ficou para trás. Agora, o poder será dividido, mas nem por isso os norte-americanos estão em desvantagem. As instituições e organizações internacionais criadas no momento em que eles eram a única potência dominante continuam existindo e atuando e não parece haver nenhum interesse por parte das novas potências em destruir essas estruturas. Esta situação pode ser verificada na demanda atual do Brasil e da China por uma reformulação no FMI. Esses países querem obter maior espaço nesse organismo, não destruí-lo ou substituí-lo por outro.

A preservação dessas instituições já é uma demonstração da vantagem norte-americana no plano internacional. O papel das organizações internacionais no mundo político atual é motivo de bastante controvérsia. Segundo Daniel W. Drezner, em *Introduction: the interaction of international and domestic institutions*, de 2003, existe uma ligação entre as organizações internacionais e algumas instituições domésticas de alguns países, de modo que, em algumas situações, instituições domésticas (ou países) utilizam essas organizações para influenciar as políticas domésticas de outros países. Nessa situação, os estados que controlam alguns desses organismos podem utilizá-los para preservar sua hegemonia.

A ascensão do resto ocorre em parte pelo processo globalizado de produção, que faz com que as grandes empresas norte-americanas e europeias procurem novos locais para produzir, mas em grande medida reflete as mudanças produtivas características da época atual, que se concentram nas questões de energia e de ideias. As questões energéticas são e serão o grande desafio dos estados, principalmente porque envolvem questões naturais que lhes são inerentes. Já o mundo das ideias abre as portas para a inovação criativa, que não respeita as velhas regras nem as velhas ordens. O segmento da economia criativa está crescendo em todos os países, trazendo novos atores para a esfera internacional.

Ao pontuar a ascensão do resto, Fareed Zakaria utiliza como exemplo a China e a Índia, dedicando um capítulo para cada um desses países, a fim de identificar as possibilidades e os desafios que esses atores encontram e encontrarão na nova ordem internacional. Na parte final do livro, faz uma análise ampla sobre os Estados Unidos, apontando seus pontos fortes e pontos fracos. Nesse momento, o autor refina algumas estatísticas que são utilizadas para apontar o declínio da economia norte-americana, mostrando que sua abordagem é imprópria e pouco correta. Percebe-se nessa parte do livro que o declínio da economia norte-americana está muito distante, principalmente porque os Estados Unidos continuam líderes absolutos nos segmentos de educação superior de qualidade e no registro de patentes, preservando e impulsionando a área de economia criativa do país. Como afirma Fareed Zakaria, as ideias surgem nas diversas partes do globo, mas viram produtos nos Estados Unidos. Enquanto tal processo perdurar, a hegemonia americana será preservada.

O livro foi escrito em 2008. Portanto, fatos mais recentes não são considerados pelo autor. É importante observar que, apesar da grande expectativa envolvendo o Brasil, o país não conseguiu sustentar seu crescimento econômico e atualmente convive com expectativas muito baixas para o PIB de 2015 e 2016. Mesmo a China, que apresenta taxas de crescimento invejáveis, está desacelerando e deve ser ultrapassada pela Índia em 2016, segundo estudos do FMI. Esses fatos sinalizam que as novas potências regionais possuem problemas internos que merecem atenção. Isso não desqualifica as análises contidas na obra; pelo contrário, oferecem mais argumentos para sustentar a hipótese do autor de que o mundo pós-americano não é só dos Estados Unidos, mas que, sem dúvida alguma, eles são a figura central.